

A atuação do enfermeiro frente ao paciente com sepse na urgência e emergência no Brasil: uma revisão da literatura

Nurses' performance towards patients with sepsis in emergency care in Brazil: a literature review

Raynara Rodrigues da Silva– Fametro

Enfermeira

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-0271-3539>

Email: naraqueiroz1996@gmail.com

Beatriz Farias Saraiva – Fametro

Enfermeira

ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-6952-9258>

Email: be@institution.edu

Diogo Jonathas Veloso da Silva– Fametro

Enfermeiro

ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-3297-1768>

Email: diogojonathas1234@gmail.com

Elliza Emily Perrone Barbosa-Fametro

Doutorado em Biotecnologia

<https://orcid.org/0000-0003-2832-2629>

Email: elliza.perrone@gmail.com

Victor da Silva Almeida-Fametro

Doutorado em Biotecnologia

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3413-9006>

Email: admvector2@outlook.com

RESUMO

A atuação do enfermeiro no manejo da sepse em serviços de urgência e emergência no Brasil enfrenta desafios estruturais e operacionais críticos. A escassez de infraestrutura, superlotação e rotatividade de equipes comprometem a adesão a protocolos, levando a improvisos e riscos terapêuticos. Diante disso, o objetivo geral da pesquisa consiste em compreender os desafios e potencialidades da atuação do enfermeiro no manejo do paciente com sepse em contextos de urgência e emergência no Brasil. A pesquisa foi realizada por meio de revisão integrativa de literatura de natureza qualitativa, utilizando as bases SciELO, BVS e PubMed. Os critérios estabelecidos para inclusão na análise priorizaram estudos primários de natureza experimental ou observacional, publicados entre 2020 a 2025 e foram exigidos textos completos disponíveis em acesso aberto e redigidos em português. Após a aplicação dos critérios de seleção, os 22 artigos que atenderam aos requisitos foram analisados criticamente e organizados em cinco categorias temáticas. Conforme os achados da pesquisa, os autores destacam que, embora as UTIs ofereçam infraestrutura mais robusta para o manejo da sepse, os serviços de urgência/emergência dependem criticamente da agilidade e da capacidade de priorização do enfermeiro. A principal diferença reside na natureza dos desafios: enquanto na urgência predomina a necessidade de triagem rápida e gestão de recursos limitados, nas UTIs, a complexidade técnica e a monitorização intensiva exigem expertise especializada. A implementação de protocolos e o investimento em capacitação emergem, assim, como estratégias transversais para melhorar os desfechos em ambos os contextos.

Palavras-chave: Sepsis. Enfermagem. UTI.

ABSTRACT

Nurses' role in sepsis management in emergency and urgent care settings in Brazil faces critical structural and operational challenges. Infrastructure shortages, overcrowding, and staff turnover compromise protocol adherence, leading to improvisation and therapeutic risks. Therefore, the overall objective of this research is to understand the challenges and potential of nurses' role in managing patients with sepsis in emergency and urgent care settings in Brazil. The research was conducted through an integrative, qualitative literature review using the SciELO, BVS, and PubMed databases. The inclusion criteria prioritized primary studies of an experimental or observational nature, published between 2020 and 2025, and required full-text, open-access, and Portuguese-language versions. After applying the selection criteria, the 22 articles that met the requirements were critically analyzed and organized into five thematic categories. According to the research findings, the authors emphasize that, although ICUs offer more robust infrastructure for sepsis management, emergency services critically depend on nurses' agility and prioritization skills. The main difference lies in the nature of the challenges: while in emergency services, the need for rapid triage and management of limited resources predominates, in ICUs, technical complexity and intensive monitoring require specialized expertise. Implementing protocols and investing in training thus emerge as cross-cutting strategies to improve outcomes in both settings.

Keywords: Sepsis. Nursing. ICU

1. INTRODUÇÃO

A sepsis configura-se como uma disfunção orgânica crítica, desencadeada por uma resposta exacerbada do organismo a processos infecciosos, elevando o risco de choque e demandando intervenções imediatas em cenários de alta complexidade (Antunes *et al.*, 2021). Conforme definição do Ministério da Saúde (MS), que se refere a uma condição sistêmica, frequentemente associada a agentes como bactérias, fungos ou vírus, cujo manejo inadequado pode evoluir para complicações fatais (Maia *et al.*, 2023).

A magnitude epidemiológica é alarmante, segundo estimativas da Organização Mundial da Saúde (OMS) apontam que 49 milhões de casos anuais resultam em 11 milhões de óbitos, representando 20% das mortes globais, com desafios ampliados pela variabilidade clínica e diagnóstico tardio em serviços de urgência (Junior *et al.*, 2024).

Nesse contexto brasileiro, as disparidades assistenciais agravam esse cenário. Dados do Instituto Latino Americano da Sepse (ILAS) revelam taxas de mortalidade de 23,4% para sepse e 56,2% para choque séptico em hospitais privados, enquanto em unidades públicas esses índices sobem para 44,2% e 72,9%, respectivamente, totalizando cerca de 240 mil mortes anuais (Cardoso *et al.*, 2023).

Esses números não apenas refletem desigualdades estruturais, mas também destacam a urgência de aprimorar a atuação da enfermagem, especialmente em serviços de urgência e emergência, onde a detecção precoce e a administração de antibióticos dentro da primeira hora reduzem a mortalidade em até 80% (Melo Silva *et al.*, 2024).

Os enfermeiros atuam como agentes essenciais na conciliação entre protocolos clínicos rigorosos e realidades operacionais adversas, como sobrecarga de demanda, escassez de infraestrutura e superlotação. Essas condições forçam práticas improvisadas, além de serem agravadas pela alta rotatividade de equipes em regiões carentes, que compromete a continuidade dos cuidados e a adesão a fluxos assistenciais preestabelecidos. Tais desafios ampliam inconsistências na assistência, elevando riscos de desfechos negativos, especialmente em contextos de recursos limitados.

Dessa forma, estão associadas lacunas na formação técnica e na aplicação de protocolos, como a falta de treinamento específico para emergências complexas, diretrizes desatualizadas e resistência a mudanças por parte das equipes. Essas deficiências resultam em erros práticos, como o uso inadequado de escalas de avaliação de risco por desconhecimento de atualizações, além de limitarem a integração de evidências científicas na rotina assistencial. A fragilidade de redes colaborativas, que poderiam facilitar a troca de experiências e a padronização de práticas, perpetua modelos de cuidado desconectados das melhores recomendações.

Assim, esta pesquisa se justifica pela urgência em mapear estratégias que integrem educação permanente, gestão de recursos e fortalecimento de redes colaborativas, visando reduzir a disparidade entre teoria e prática. A compreensão dessas lacunas é fundamental para propor intervenções que assegurem a implementação efetiva de protocolos, a qualificação contínua das equipes e a otimização de recursos, garantindo assim assistência ágil, precisa e equitativa a pacientes críticos, como os com sepse, em serviços de urgência e emergência.

Diante desse cenário, o estudo consiste em compreender os desafios e potencialidades da atuação do enfermeiro no manejo do paciente com sepse em contextos de urgência e emergência no Brasil.

2 MARCO TEÓRICO

2.1. SEPSE NA URGÊNCIA E EMERGÊNCIA

A sepse é caracterizada por uma resposta inflamatória generalizada do organismo, desencadeada por infecções em diferentes locais, como pulmões, trato urinário ou abdômen (Pereira, 2020). Embora pouco reconhecida pela população geral, a sepse apresenta elevada letalidade, com progressão rápida e risco de falência múltipla de órgãos quando não tratada adequadamente (Maia *et al.*, 2023).

Estima-se que entre 20 e 30 milhões de pessoas sejam afetadas globalmente a cada ano, com mortalidade associada à demora no diagnóstico e na intervenção inicial, desafio que persiste mesmo em sistemas de saúde avançados (Da Costa Silva *et al.*, 2020). A identificação tardia da sepse é um obstáculo crítico, influenciado tanto pela hesitação do paciente em buscar atendimento quanto por falhas na suspeição clínica por parte dos profissionais. Essa realidade é agravada em contextos de emergência, onde a sobrecarga de demanda e a complexidade dos casos exigem decisões ágeis e precisas (Santos; Rufino, 2024).

O manejo eficaz depende de intervenções nas primeiras seis horas, incluindo antibioticoterapia precoce e estabilização hemodinâmica, práticas que podem reduzir a mortalidade em até 16% quando aplicadas dentro desse período (Silva; De Souza, 2020). Em UTI, a sepse representa um desafio adicional devido à sua evolução imprevisível, marcada por disfunções orgânicas progressivas e necessidade de suporte vasopressor em casos de choque séptico. A hipotensão refratária e a hipoperfusão tecidual exigem monitorização contínua e ajustes terapêuticos imediatos (Melo Silva *et al.*, 2024).

Nos serviços de urgência, protocolos padronizados são essenciais, com ênfase na administração de fluidos, controle pressórico e coleta de exames laboratoriais para orientar a terapêutica. A ressuscitação volêmica guiada por metas, como pressão arterial média ≥ 65 mmHg, e o uso racional de antimicrobianos são pilares para otimizar desfechos (Junior *et al.*, 2024).

Nesse contexto, o enfermeiro desempenha papel central na triagem e na implementação de ações iniciais. O Instituto Latino-Americano da Sepse (ILAS) reforça a importância de capacitação contínua para reconhecimento precoce de sinais como taquicardia, hipotensão e alterações na perfusão periférica, permitindo o acionamento rápido da equipe médica e a priorização do atendimento (Oliveira *et al.*, 2010). A integração entre protocolos clínicos,

educação permanente e gestão ágil de recursos emerge como estratégia fundamental para reduzir a mortalidade associada a essa condição crítica.

2.2. ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO FRENTE AO PACIENTE COM SEPSE

O enfermeiro assume papel central no manejo da sepse, atuando não apenas na identificação precoce de sinais clínicos, mas também na coordenação de intervenções ágeis, integrando conhecimento técnico e liderança da equipe para otimizar desfechos assistenciais (Da Costa Silva *et al.*, 2020). A detecção imediata de alterações como taquicardia, hipotensão ou hipoperfusão, seguida de ações nas primeiras horas, é determinante para evitar a progressão da doença, sendo essencial que o profissional desenvolva competências especializadas para responder às complexidades do quadro (Melo Silva *et al.*, 2024).

A elaboração de diagnósticos de enfermagem precisos permite direcionar planos de cuidado individualizados, especialmente em pacientes críticos. Essas avaliações, aliadas à monitorização contínua de parâmetros vitais e laboratoriais, facilitam intervenções oportunas, como ajustes na terapêutica ou priorização de recursos, contribuindo para prognósticos mais favoráveis (Melo Silva *et al.*, 2024). A adoção de protocolos padronizados, como os recomendados pelo Instituto Latino-Americano da Sepse (ILAS), otimiza a assistência ao estabelecer fluxos claros para administração de antibióticos, ressuscitação volêmica e suporte hemodinâmico. No entanto, a efetividade dessas diretrizes depende da capacitação contínua da equipe, visto que lacunas no conhecimento técnico e a subutilização de treinamentos específicos ainda são desafios recorrentes (Santos; Rufino, 2024).

A administração de antimicrobianos, por exemplo, exige atenção rigorosa às doses, horários e interações farmacológicas, especialmente devido ao risco de nefrotoxicidade e hepatotoxicidade associado a alguns medicamentos. O enfermeiro, ao supervisionar esse processo, assegura não apenas a adesão terapêutica, mas também a prevenção de eventos adversos (Melo Silva *et al.*, 2024).

Paralelamente, condutas como oferta de oxigenoterapia, controle pressórico com vasopressores e comunicação ágil com a equipe médica são essenciais. Estudos destacam que a notificação imediata de alterações clínicas ao médico, prática relatada por 70% dos enfermeiros, é crucial para evitar atrasos no tratamento (Junior *et al.*, 2024).

Essas ações reforçam a necessidade de investimento em educação permanente e na estruturação de ambientes que favoreçam a aplicação de evidências científicas. A sinergia entre competência

técnica, atualização profissional e gestão colaborativa emerge como estratégia fundamental para transformar a realidade da sepse no cenário nacional.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Este estudo consiste em uma revisão de literatura integrativa de natureza qualitativa, sobre produções acerca da atuação do enfermeiro frente ao paciente com sepse na urgência e emergência no Brasil nas bases de dados *Scientific Eletronic Library Online* (SciELO), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e PubMed, utilizando os descritores “sepse”, “enfermagem” e “urgência”.

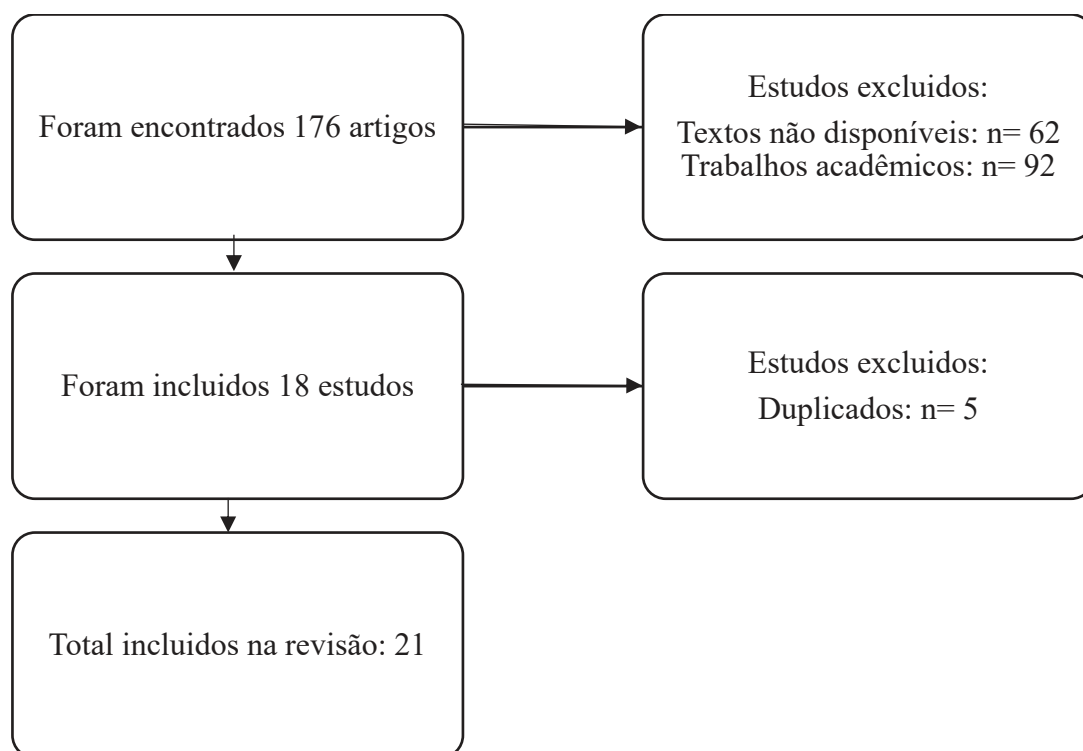
Após a triagem a fase de análise foi conduzida com o auxílio de uma ficha de extração de dados realizadas em uma tabela realizadas em programa Word 365, elaborada para padronizar a coleta de informações essenciais dos artigos como autor, ano, título, revista de publicação, objetivos, metodologia, resumo e principais resultados.

O processo de seleção e análise foi realizado por três pesquisadores formados na área, atuando de forma independente nas fases de triagem, avaliação de resumos e leitura integral. Para mitigar possíveis equívocos, dúvidas sobre a elegibilidade ou relevância de estudos foram resolvidas mediante consulta a professora e orientadora da pesquisa com experiência e conhecimento na área, seguindo critérios predefinidos na metodologia. Por fim, os achados foram interpretados à luz da pergunta de investigação e aos objetivos pré-estabelecidos na pesquisa, organizando-se as evidências em formato estruturado para síntese dos resultados da revisão.

Os critérios estabelecidos para inclusão na análise priorizaram estudos primários de natureza experimental ou observacional, publicados entre 2020 a 2025, que abordassem a intersecção entre sepse e práticas de enfermagem. Foram exigidos textos completos disponíveis em acesso aberto e redigidos em português. Como critérios de exclusão, eliminaram-se produções não científicas (como editoriais, manuais ou entrevistas), trabalhos acadêmicos não indexados (teses, dissertações ou monografias), artigos duplicados, sem relação direta com o tema ou com restrição de acesso ao conteúdo integral.

Diante disso, os critérios de seleção dessa revisão para inclusão e exclusão são apresentados na Figura 1.

Figura 1 – Fluxograma da seleção dos artigos



Fonte: Próprios Autores (2025)

Os critérios estabelecidos que atenderam os critérios, foram lidos na íntegra e analisados de forma crítica. Foram separados em categorias temáticas: Enfermagem em Urgência/Emergência e Sepse (práticas em contextos agudos); Enfermagem em Terapia Intensiva e Sepse (cuidados críticos em UTI); Protocolos e Diretrizes de Enfermagem na Sepse (padronização de condutas); Educação e Conhecimento da Equipe de Enfermagem sobre Sepse (formação e capacitação); e Aspectos Clínicos e Epidemiológicos da Sepse (análises interdisciplinares e riscos).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram selecionados 176 estudos, desse tanto foram incluídos tanto 21, e excluídos 155. A tabela 1 apresenta os estudos incluindo na pesquisa separados por autores, título, revista ou livro publicados e categorias dessas publicações.

Tabela 1 – Revisão dos estudos incluídos na pesquisa

Nº	Autor(es)	Ano	Título	Revista/Livro	Categoria
1	Anjos <i>et al.</i>	2024	Atuação do enfermeiro frente a pessoa com sepse em serviços de urgência e emergência	Revista Mosaico	Enfermagem em Urgência/Emergência e Sepse
2	Antune. <i>et al.</i>	2021	Deteccção precoce de sepse nos serviços de urgência e emergência: revisão integrativa	Revista Enfermagem UERJ	Enfermagem em Urgência/Emergência e Sepse
3	Asbeque <i>et al.</i>	2022	A importância da prevenção e reconhecimento precoce da sepse para a equipe de Enfermagem com auxílio de protocolos	Enfermagem: contextualizando a educação em saúde (Editora Científica Digital)	Protocolos e Diretrizes de Enfermagem na Sepse
4	Brandão <i>et al.</i>	2022	Papel do enfermeiro frente ao paciente com sinais e sintomas de sepse	Revista Brasileira Interdisciplinar de Saúde – ReBIS	Enfermagem em Urgência/Emergência e Sepse
5	Cardoso <i>et al.</i>	2023	Assistência de enfermagem ao paciente séptico em unidade de terapia intensiva: revisão integrativa	<i>Open Science Research</i>	Enfermagem em Terapia Intensiva e Sepse
6	Cesarino, Castro, Restini	2023	Sepse, fibrilação atrial e envelhecimento: uma associação perigosa	Arquivos Brasileiros de Cardiologia	Aspectos Clínicos e Epidemiológicos da Sepse
7	Da Costa <i>et al.</i>	2023	Cuidados ao paciente crítico com sepse	Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação	Enfermagem em Terapia Intensiva e Sepse
8	Da Costa Silva <i>et al.</i>	2020	Atuação do enfermeiro na unidade de terapia intensiva identificação dos sinais e sintomas da sepse	Research, Society and Development	Enfermagem em Terapia Intensiva e Sepse
9	Gonçalves <i>et al.</i>	2023	Conhecimento da equipe de enfermagem sobre diretrizes para o manejo da Sepse	Revista Brasileira Multidisciplinar	Educação e Conhecimento da Equipe de Enfermagem sobre Sepse
10	Júnio <i>et al.</i>	2024	Impacto dos Protocolos de Reconhecimento e Tratamento Precoce da Sepse em Serviços de Urgência	Revista Científica do Tocantins	Enfermagem em Urgência/Emergência e Sepse
11	Maia <i>et al.</i>	2023	Análise da perspectiva dos estudantes de enfermagem em relação ao cuidado ao paciente com suspeita de sepse	Research, Society and Development	Educação e Conhecimento da Equipe de Enfermagem sobre Sepse
12	Massambani; Silveira	2021	Atuação do enfermeiro no diagnóstico da sepse	Revistas Publicadas FIJ	Protocolos e Diretrizes de Enfermagem na Sepse
13	Melo Silva <i>et al.</i>	2024	Cuidados intensivos de enfermagem ao paciente com sepse: uma revisão integrativa	Enfermagem Brasil	Enfermagem em Terapia Intensiva e Sepse
14	Nanah <i>et al.</i>	2024	Reinternação de pacientes sobreviventes à sepse em até 30 dias: desfechos de um estudo retrospectivo	Critical Care Science, v. 36	Aspectos Clínicos e Epidemiológicos da Sepse

15	Oliveira <i>et al.</i>	2020	O enfermeiro na detecção dos sinais e sintomas que antecedem sepse em pacientes na enfermaria	Journal of Research: Fundamental Care Online, v. 11, n. 5	Enfermagem em Urgência/Emergência e Sepse
16	Salles <i>et al.</i>	2021	Conhecimento do enfermeiro sobre os parâmetros de alerta da sepse na triagem precoce em terapia intensiva	Enfermagem: desafios e perspectivas para a integralidade do cuidado (Editora Científica Digital)	Educação e Conhecimento da Equipe de Enfermagem sobre Sepse
17	Santos; Rufino	2024	Atuação da enfermagem frente ao protocolo de sepse	Revista Multidisciplinar do Sertão	Protocolos e Diretrizes de Enfermagem na Sepse
18	Santos <i>et al.</i>	2021	Identificação e tratamento precoce da sepse: uma revisão integrativa	Revista Multidisciplinar em Saúde	Protocolos e Diretrizes de Enfermagem na Sepse
19	Silva <i>et al.</i>	2020	Sepse: importância da identificação precoce pela enfermagem	Revista Pró- UniverSUS	Protocolos e Diretrizes de Enfermagem na Sepse
20	Silva <i>et al.</i>	2024	Assistência de enfermagem ao paciente com sepse	Revista JRG de Estudos Acadêmicos	Protocolos e Diretrizes de Enfermagem na Sepse
22	Silva Alvim <i>et al.</i>	2020	Conhecimento da equipe de enfermagem em relação aos sinais e sintomas da sepse	Enfermagem em Foco	Educação e Conhecimento da Equipe de Enfermagem sobre Sepse

Fonte: Autores (2025)

As informações evidenciadas pelos 21 estudos listados na tabela 1 evidenciaram que com relação aos achados sobre a Enfermagem em Urgência/Emergência e Sepse, reuniu cinco estudos que destacaram a atuação profissional nesses contextos, abordando desde a detecção precoce da sepse até estratégias de intervenção em situações de alta complexidade. Esses trabalhos reforçaram a importância da agilidade no reconhecimento dos sinais clínicos e na implementação de medidas terapêuticas iniciais, visando melhorar os desfechos dos pacientes. Os achados sobre a Enfermagem em Terapia Intensiva e Sepse, contemplou quatro artigos, que exploraram os desafios específicos dos cuidados em UTI, como a identificação de sinais de alerta, o manejo de pacientes críticos e a redução da mortalidade por meio de práticas baseadas em evidências. Paralelamente, as pesquisas com relação aos Protocolos e Diretrizes de Enfermagem na Sepse, agregou cinco estudos, que discutiram a padronização de condutas, a implementação de diretrizes internacionais e a otimização de fluxos assistenciais, destacando como a adoção de protocolos estruturados impacta positivamente a qualidade do cuidado. Os dados sobre a Educação e Conhecimento da Equipe de Enfermagem sobre Sepse, incluiu quatro artigos, que evidenciaram lacunas no conhecimento técnico e a necessidade de capacitação contínua, além de propor estratégias educacionais para aprimorar a preparação dos profissionais e estudantes. As informações sobre os Aspectos Clínicos e Epidemiológicos da Sepse, com dois estudos, abordou análises interdisciplinares, como a relação entre sepse,

comorbidades e reinternações, ampliando a compreensão sobre os fatores de risco e os impactos sociais dessa condição.

A análise das práticas de enfermagem em serviços de urgência/emergência e UTI na detecção precoce e intervenção da sepse, proposta como primeiro objetivo, revela informações significativas entre esses contextos. Nesse contexto, Maia *et al.* (2023) destacam que a percepção de estudantes de enfermagem sobre o cuidado ao paciente séptico está intimamente ligada à pressão temporal e à fragmentação das informações clínicas, fatores que podem comprometer a suspeição precoce.

Segundo Massambani e Silveira (2021), a atuação do enfermeiro é mais especializada, com maior acesso a tecnologias e monitorização contínua, permitindo uma identificação mais ágil de sinais como hipoperfusão ou alterações laboratoriais. Asbeque *et al.* (2022) reforçam que a padronização de protocolos é um ponto comum essencial entre os dois contextos. Em ambos os ambientes, a aplicação de fluxos assistenciais estruturados reduz a variabilidade na prática clínica e otimiza o tempo entre a suspeita e o tratamento.

Entretanto, na urgência, a implementação desses protocolos enfrenta desafios únicos, como a alta rotatividade de pacientes e a necessidade de triagem prioritária, enquanto nas UTIs, a complexidade dos casos exige ajustes frequentes nas condutas, conforme destacado por Brandão *et al.* (2022). Outra similaridade crítica é a dependência da capacidade decisória do enfermeiro. Em urgência, a identificação precoce depende frequentemente da avaliação inicial realizada pelo enfermeiro, que deve integrar dados clínicos dispersos sob pressão operacional. Nas UTIs, mesmo com recursos avançados, a complexidade dos quadros clínicos demanda uma interpretação mais refinada de parâmetros como lactato e débito urinário, exigindo competências técnicas específicas. Ambos os contextos, portanto, reforçam a necessidade de educação continuada, tema abordado por Maia *et al.* (2023), que aponta lacunas na formação inicial de enfermeiros para lidar com a sepse, especialmente em cenários dinâmicos.

A avaliação da implementação de protocolos e diretrizes clínicas na assistência à sepse, conforme proposto no segundo objetivo, revela desafios e oportunidades heterogêneas entre os cenários assistenciais, conforme evidenciado pelos autores analisados. Nanah *et al.* (2024), ao investigarem reinternações de pacientes pós-sepse, destacam que a adesão inconsistente a protocolos contribui para desfechos negativos, como recorrência de infecções e complicações orgânicas. Esse achado reforça a necessidade de padronização de condutas, especialmente em serviços onde a rotatividade de profissionais e a sobrecarga de demanda fragilizam a continuidade do cuidado.

Em ambientes de enfermaria, Oliveira *et al.* (2020) identificam que a falta de treinamento específico e a subutilização de checklists são barreiras críticas para a detecção precoce de sinais de sepse. Os autores ressaltam que, mesmo em contextos não críticos, a ausência de fluxos claros para notificação de alterações clínicas (como taquicardia ou hipotensão) retarda a intervenção, aumentando riscos de progressão para choque séptico.

Por outro lado, em serviços de urgência e emergência, Anjos *et al.* (2024) apontam que a existência de protocolos institucionais e a integração multidisciplinar atuam como facilitadores, permitindo ações ágeis como administração de fluidos e antibioticoterapia precoce. Contudo, mesmo nesses cenários, a sobrecarga de trabalho e a disponibilidade limitada de insumos comprometem a aplicação integral das diretrizes.

A revisão integrativa de Antunes *et al.* (2021) sintetiza essas disparidades, destacando que a heterogeneidade na capacitação técnica e a cultura organizacional fragmentada são obstáculos transversais. Enquanto hospitais privados tendem a adotar protocolos baseados em evidências com maior frequência, unidades públicas enfrentam desafios como rotatividade de equipes e infraestrutura precária, fatores que dificultam a padronização.

Essa divergência é corroborada por Nanah *et al.* (2024), que associam a alta taxa de reinternações em hospitais públicos à descontinuidade no seguimento pós-alta, muitas vezes resultante da ausência de fluxos estruturados para monitoramento de pacientes recuperados. Como facilitadores comuns, os autores convergem ao destacar a educação continuada e a liderança do enfermeiro na implementação de protocolos.

Oliveira *et al.* (2020) observam que a capacitação em reconhecimento de sinais de sepse aumenta a confiança da equipe, enquanto Anjos *et al.* (2024) ressaltam que a atuação proativa do enfermeiro na coordenação de ações reduz o tempo entre suspeita e tratamento. Contudo, a efetividade dessas estratégias depende de adaptações contextuais: em UTIs, a complexidade dos casos exige protocolos mais dinâmicos, enquanto em enfermarias, a simplificação de fluxos e a priorização de triagem são essenciais.

A identificação de lacunas no conhecimento técnico da equipe de enfermagem sobre sepse, conforme proposto no terceiro objetivo, revela desafios estruturais na formação e atualização profissional, além de oportunidades para intervenções educacionais contextualizadas.

Gonçalves *et al.* (2023) destacam que, embora a maioria dos enfermeiros reconheça a importância de protocolos como o Bundle da Sepse, apenas 35% demonstram familiaridade com suas etapas práticas, como timing de administração de antibióticos ou metas de ressuscitação volêmica. Essa discrepância entre teoria e prática é agravada em regiões com menor acesso a programas de educação continuada, como apontado por Junior *et al.* (2024),

que associam a baixa adesão a diretrizes clínicas em serviços públicos à escassez de treinamentos específicos.

Estudos como o de Maia *et al.* (2023), focado em estudantes de enfermagem, evidenciam que a formação inicial ainda é insuficiente para preparar profissionais para a complexidade do manejo da sepse. Os alunos relatam insegurança na identificação de sinais como hipoperfusão ou alterações no lactato, habilidades críticas em contextos de urgência. Essa fragilidade é corroborada por Massambani e Silveira (2021), que identificam erros frequentes no diagnóstico diferencial da sepse em UTIs, especialmente em pacientes com comorbidades, onde sintomas podem ser mascarados.

Como estratégias educacionais, Junior *et al.* (2024) sugerem a implementação de programas de capacitação híbridos, adaptados às realidades epidemiológicas regionais. Por exemplo, em áreas com alta incidência de infecções urinárias, treinamentos podem focar na associação entre disúria e risco de sepse.

Maia *et al.* (2023) reforçam a necessidade de integração entre teoria e prática na graduação, com ênfase em estudos de caso e estágios supervisionados em UTIs. Gonçalves *et al.* (2023) propõem a criação de comitês de sepse intra-hospitalares, liderados por enfermeiros, para promover auditorias de casos e feedback contínuo à equipe.

A experiência de Massambani e Silveira (2021) em UTIs acrescenta que mentorias entre profissionais experientes e novatos podem reduzir erros na fase diagnóstica, especialmente em pacientes idosos ou imunossuprimidos, grupos nos quais a sepse apresenta particularidades clínicas. Além disso, a utilização de tecnologias (como aplicativos com alertas para sinais de alerta) emerge como facilitadora, especialmente em locais com recursos limitados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme os achados da pesquisa, os autores destacam que, embora as UTIs ofereçam infraestrutura para o manejo da sepse, os serviços de urgência/emergência dependem criticamente da agilidade e da capacidade de priorização do enfermeiro. A principal diferença reside na natureza dos desafios: enquanto na urgência predomina a necessidade de triagem rápida e gestão de recursos limitados, nas UTIs, a complexidade técnica e a monitorização intensiva exigem expertise especializada. A implementação de protocolos e o investimento em capacitação emergem, assim, como estratégias transversais para melhorar os desfechos em ambos os contextos.

Além disso as informações afirmam que a padronização de condutas para sepse enfrenta barreiras multifatoriais, desde lacunas na formação até limitações estruturais. A superação desses desafios demanda estratégias institucionais integradas, como a criação de comitês de sepse, auditorias regulares e investimento em tecnologias de apoio à decisão clínica. A experiência dos autores reforça que a implementação de protocolos não é um fim em si mesma, mas um processo contínuo que exige engajamento coletivo e adaptação às realidades locais.

REFERÊNCIAS

ANJOS, Luís Henrique Benn *et al.* Atuação do enfermeiro frente a pessoa com sepse em serviços de urgência e emergência. **Revista Mosaico**, v. 15, n. 2, p. 159-170, 2024.

ANTUNES, B. C. S. *et al.* Detecção precoce de sepse nos serviços de urgência e emergência: revisão integrativa. **Revista Enfermagem UERJ**, 2021. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/gim/resource/en,au:%22Martins%20Neto,%20Viviana%22/biblio-1354440>. Acesso em: 13 jul. 2025.

ASBEQUE, Ana Clara Ferreira *et al.* A importância da prevenção e reconhecimento precoce da sepse para a equipe de Enfermagem com auxílio de protocolos. In: **enfermagem: contextualizando a educação em saúde**. Editora Científica Digital, 2022. p. 25-33.

BRANDÃO, Ronaldo Guilherme Ribeiro *et al.* Papel do enfermeiro frente ao paciente com sinais e sintomas de sepse. **Revista Brasileira Interdisciplinar de Saúde–ReBIS**, v. 4, n. 4, 2022.

CARDOSO, R. N. *et al.* Assistência de enfermagem ao paciente séptico em unidade de terapia intensiva uma revisão integrativa da literatura. **Open science research XI**, v. 11, p. 299-311, 2023.

CESARINO, Evandro José; DE CASTRO, Marildes Luiza; RESTINI, Carolina Baraldi Araujo (Ed.). Sepse, fibrilação atrial e envelhecimento: uma associação perigosa. **Arquivos Brasileiros de Cardiologia**, v. 120, n. 3, p. e20230095, 2023.

DA COSTA, Brenda Inácio et al. Cuidados ao paciente crítico com sepse. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 9, n. 6, p. 1262-1273, 2023.

DA COSTA SILVA, Evelyn Farias Gomes *et al.* Atuação do enfermeiro na unidade de terapia intensiva identificação dos sinais e sintomas da sepse. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 8, 2020.

GONÇALVES, Ademilda *et al.* Conhecimento da equipe de enfermagem sobre diretrizes para o manejo da Sepse. **Revista Brasileira Multidisciplinar**, v. 26, n. 2, p. 17-24, 2023.

JUNIOR, Wladimir Pereira Courte et al. Impacto dos Protocolos de Reconhecimento e Tratamento Precoce da Sepse em Serviços de Urgência e Emergência. **Revista Científica do Tocantins**, v. 4, n. 2, 2024.

MAIA, Millena *et al.* Análise da perspectiva dos estudantes de enfermagem em relação ao cuidado ao paciente com suspeita de sepse. **Research, Society and Development**, v. 12, n. 8, p. e13512842992-e13512842992, 2023.

MASSAMBANI, R.; SILVEIRA, G. C. Atuação do enfermeiro no diagnóstico da sepse. **Revistas Publicadas FIJ - até 2022**, [S. l.], v. 1, n. 4, p. 59–65, 2021. Disponível em: <http://portal.fundacaojau.edu.br:8077/journal/index.php/revistasanteriores/article/view/436>. Acesso em: 14 jul. 2025.

MELO SILVA, I. K. de *et al.* Cuidados intensivos de enfermagem ao paciente com sepse: uma revisão integrativa. **Enfermagem Brasil**, [S. l.], v. 23, n. 1, p. 1453–1462, 2024. DOI: 10.62827/eb.v23i1.gt21. Disponível em: <https://ojs.atlanticaeditora.com.br/index.php/Enfermagem-Brasil/article/view/110>.. Acesso em: 14 jul. 2025.

NANAH, Abdelrahman *et al.* Reinternação de pacientes sobreviventes à sepse em até 30 dias: desfechos de um estudo retrospectivo de centro único. **Critical Care Science**, v. 36, p. e20240116en, 2024.

OLIVEIRA, Simone César *et al.* O enfermeiro na detecção dos sinais e sintomas que antecedem sepse em pacientes na enfermaria. **J. res.: fundam. care. online, Rio de Janeiro**, v. 11, n. 5, p. 1307-1311, 2020.

SALLES, Marcelo Medeiros *et al.* Conhecimento do enfermeiro sobre os parâmetros de alerta da sepse na triagem precoce em terapia intensiva. In: **Enfermagem: desafios e perspectivas para a integralidade do cuidado**. Editora Científica Digital, 2021. p. 105-118.

SANTOS, Claudiane Lima; RUFINO, Raquel Diniz. Atuação da enfermagem frente ao protocolo de sepse. **Revista Multidisciplinar do Sertão**, v. 6, n. 2, p. 170-180, 2024.

SANTOS, Nayara Rocha *et al.* Identificação e tratamento precoce da sepse: uma revisão integrativa. **Revista Multidisciplinar em Saúde**, v. 2, n. 4, p. 13-13, 2021.

SILVA, Ana Paula Ribeiro Marques; DE SOUZA, Hugo Viana. Sepse: importância da identificação precoce pela enfermagem. **Revista Pró-UniverSUS**, v. 9, n. 1, p. 97-100, 2020.

SILVA, Eduarda Vieira *et al.* Assistência de enfermagem ao paciente com sepse. **Revista JRG de Estudos Acadêmicos**, v. 7, n. 15, p. e151546-e151546, 2024.

SILVA ALVIM, André Luiz *et al.* Conhecimento da equipe de enfermagem em relação aos sinais e sintomas da sepse. **Enfermagem em foco**, v. 11, n. 2, 2020.